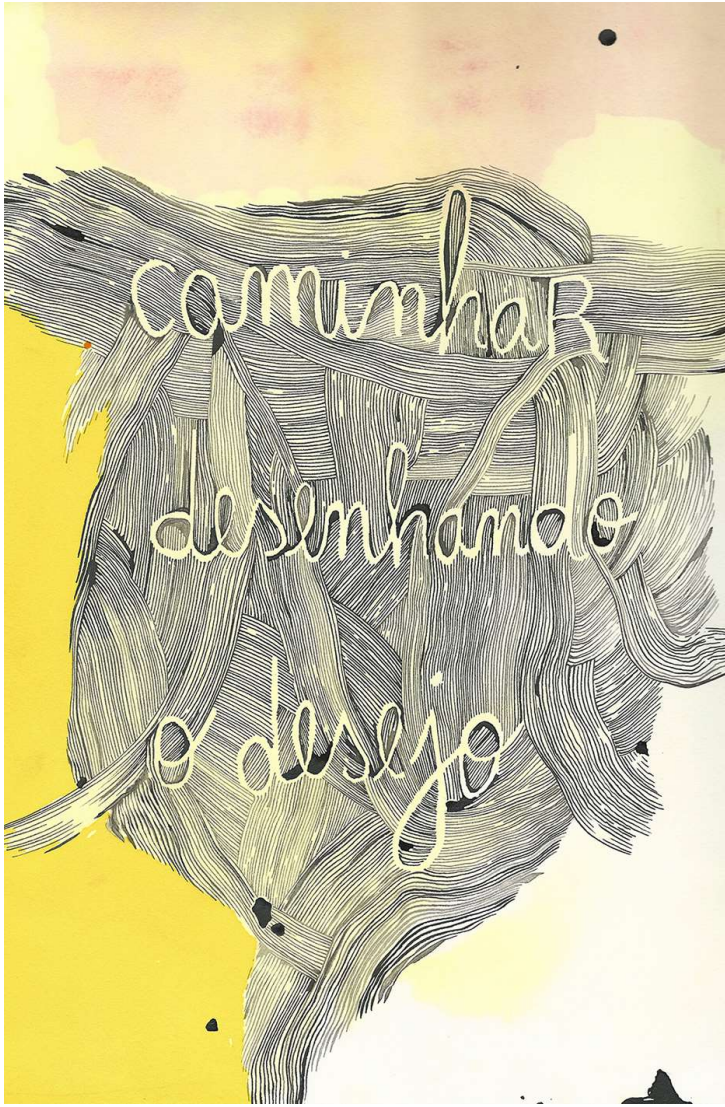


Ensaios

caminhar desenhando o desejo, desenhar desejando o caminho, desejar o caminho desenhando-o,

👤 Isabel Baraona 📁 Ensaios









*caminhar desenhando o desejo,
desenhar desejando o caminho,
desejar o caminho desenhando-o,[1]*

Em meados dos anos 2000 *a mão que desenha escreve a palavra* designava um conjunto de

trabalhos e mais tarde foi o título de duas exposições. É evidentemente uma afirmação

tautológica, a mão que desenha uma qualquer forma, desenha, com a mesma destreza, as

letras e palavras. Declino outras possibilidades, a mão que se adentra no desenho figurativo

delineia uma narrativa, seja ela perceptível e sequencial, ou não. A expressividade e a qualidade da linha caracterizam a caligrafia, são uma forma de assinatura e uma

escrita de
si, manifestam a volatilidade dos humores, a emoção. Mas entre o tanto que
acontece, por
assim dizer, entre a mão e o desenho essa expressividade é vibrátil, respira. É como
se a
mão fosse um sismógrafo que regista o corpo e as suas emoções.
Há vários momentos no desenhar e no desenho-escrita, que geralmente começa com
inquietação e escuta interior. Escuso-me a enumerar etapas, até porque cada série
tem as
suas peculiaridades, mas há outro momento-decisor que é o do distanciamento físico
(vai
para a parede) e emocional (afinal, será isto um interessante?). Um olhar crítico
pousa sobre
o desenho, e é na compreensão da emoção ao elaborar um pensamento sobre o que
está
“ali” que se clarifica se “aquilo” é trabalho e que trabalho é. Em alguns casos trata-se
apenas
de uma imagem (muito) íntima, uma mera exteriorização de questões pessoais e,
portanto,
ou é refeita – para conscientemente ser trabalho-, ou é posta de lado. O rasgar, essa
violência, é um gesto catártico, tal como o deitar para o lixo. Desfaço-me do que não
correu
bem para (me) dar espaço ao que está por vir. É muito difícil apontar de forma
concreta por
que é que o desenho não correu bem, ou as razões pelas quais não o guardo. FB
propõe que
eu me canso e a folha se cansa, cansamo-nos uma da outra, e que há um esgotamento
de
possibilidades. Essa explicação animista serve-me na perfeição, por sublinhar essa
ideia de
espelhamento entre eu e o suporte sobre o qual me debruço enquanto desenho.
(eu me debruço enquanto desenho, ah! esta frase poderia dar origem a um novo
texto)

escrever como caminhar^[2], não emendo, não apago e, por assim dizer, retomo o
caminho a
partir de outro lugar. Poderia dizer que cada folha virgem é um palimpsesto, no
sentido em
que serve de suporte ao continuar do mesmo desenho-escrita.

Há quem aluda criticamente ao meu pendor para a descrição visto que o exercício da descrição é a estratégia que adopto comumente quando falo do meu trabalho, mas não se trata de uma forma de preguiça e muito menos de camuflagem de referências. Optar pela descrição mantém-me mais perto do que acontece no atelier, é uma forma de discurso que me é mais natural. E cuida da descrição, do que é da ordem da intimidade, de uma vasta gama de emoções ou historietas autobiográficas que pouco ou nenhum valor acrescentam ao trabalho. A descrição dos processos, do uso de determinados materiais, etc. permite um tipo de apreciação mais livre, sem recair em justificações externas, sem recorrer a muletas que sustentem a erudição informada da obra. Obriga a centrar-me no presente face ao que existe perante mim, simplesmente.

Desenho é, para mim, desígnio, é intenção e desejo de compreender, a mim e ao que me rodeia. Desenhar como quem fixa uma ténue reminiscência tornada imagem, aquilo que dificilmente se nomeia, dando a ver (a mim e a outros) o que antes apenas intuía poder existir. Desenhar é verter sobre uma superfície, por assim dizer, a vontade de ver e dar a ver; gesto (auto)hipnótico, estruturação interior, é, também, dar uma forma concreta a obsessões.

escrever como caminhar, desenhar é escrever como quem deambula e avança por entre hesitações e tantas experiências falhadas, cuidando do que se conhece, pressentindo o muito que há por desbravar. A ideia de progressão é-me estranha por implicar uma qualquer ideia relacionada com melhoria, em detrimento do que já foi feito. É claro que há um acumular de experiência, um treino da mão, mas o trabalho faz-se e existe em função do

contexto presente, e devolve o que me entusiasma e intriga (influxo, aqui, agora). Em vez de seguir um trilho previamente esboçado, trata-se de seguir -para a frente, para os lados, em zig-zag, olhando para cima, para baixo, em frente-, tateando a morfologia do terreno e à escuta do eco das passadas. Nem eu nem o trabalho progridem. O trabalho chama movimento, uma aprendizagem feita com diferentes cadências e ritmos, é desejo. É como uma longa conversa comigo própria, entre o que as mãos fazem e o que a cabeça pensa, e o que o coração sente, é uma mineração do que o exterior traz ou dá. É um fluxo, sem medida ou compasso certos. Poderia apropriar-me das palavras do Richard Serra quando diz que o desenho (ou o desenhar) é um verbo. Mas o termo vernáculo mais justo é tesão.

desejo o desenho e desenho o desejo^[3], com intensidade e em tensão, o prazer de ver e fazer aparecer “qualquer coisa” que até há segundos não existia. Por vezes um ínfimo movimento (interior) gera um tumulto, agitando ombro-braço-mão, alterando a respiração e as ideias, o ser. E esse alvoroço pode subsistir durante anos, sustentando diferentes experiências, múltiplas variações em séries trabalho diversas.

fazer surgir linha e nós, ser voragem sílaba a sílaba, ver passar de linha a cicatriz^[4], Dar a ler as palavras ou dar a ver o desenho em torno das palavras ? Contornar, circundar o que se quer decifrar, andando em sua volta. Delinear desenho-escrita, imagem-palavra, e fazê-lo de modo legível recorrendo a novelos, tessituras ou fibras, músculos ou pedaços de órgãos, cuidadosamente ordenados em torno de sinuosos espaços vazios. Por vezes parecem-me nós. Nós, no sentido de o desenho-escrita nascer de uma profusão de linhas que vou dobando conforme faço o desenho, conforme as linhas se derramam sobre papel. Nós, por

sentir, por vezes, que há uma projecção directa entre as palavras escolhidas e o desenho em execução, são indissociáveis, tautologia. São um enigma, quem aparece primeiro, o ovo ou a galinha? Nebulosos nós de pensamentos que se organizam no preciso momento em que a mão desenha e se movimenta sobre a superfície da folha.

coleccionar palavras subterrâneas^[5], aquelas que nada explicam ou clarificam.

A pluralidade de significados e conotações de algumas palavras interessa-me. Como por exemplo *oração*^[6], que tanto é sinónimo de frase (fala), como de prece ou súplica.

tatuar corpo e caminho^[7], ao longo dos anos o trabalho torna-se outro corpo, que espelha e que, de uma estranha forma, me (co)responde. Essas imagens, mesmo que já não existam ou pertençam imprimem-se em mim. E esse corpo, conforme o contexto, conforme vai sendo exposto e comentado, e dos espaços onde é exposto, vai sendo desdobrado. O desenho-escrita sobre papel não é uma tatuagem indelével, mas a prática, o exercício contínuo do desenho, marcam os dias e, conseqüentemente, aquele que desenha. ~~Mas de momento repudio este aspecto:~~

É-me estranha esta vontade de escrever sobre o que faço. Para além de FB – a quem este texto é dedicado -, tenho a sorte de ter, de tempos a tempos, bons interlocutores com quem posso conversar sobre o trabalho, como o Jean-Marie Stroobants ou o Pedro Moura, e tive quem se tivesse interessado em escrever sobre as exposições feitas, como o Claude Lorent, e isso foi muito fértil. Ouvir e ler o que outros pensam e projectam sobre o nosso trabalho inquieta-me, traz, geralmente, novas questões e amplia o mapa de referências. E porque escrevo eu agora sobre o que faço? Por ser uma outra forma de ginastigar este músculo vivo que pulsa, cabeça-coração,

divagar,
desviando-me do que me é familiar, traçando novos trilhos adentro desta negra
floração, *ir*
passo a traço a passo a X^[8].

NOTAS

[1] Tinta-da-china, 30,5 cm x 45,5 cm (2019).

[2] *escrever como caminhar* (2019), título de uma publicação (250 exemplares) e de uma instalação concebida para “A Incontornável Tangibilidade do Livro – ou, o Anti-Livro”, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa.

[3] *desenho, desejo* (2020), Jornal A3, 150 exemplares, produzidos para “A mão que segura e a que se eleva no ar”, exposição com Mafalda Santos e Susana Gaudêncio, Rampa, Porto.

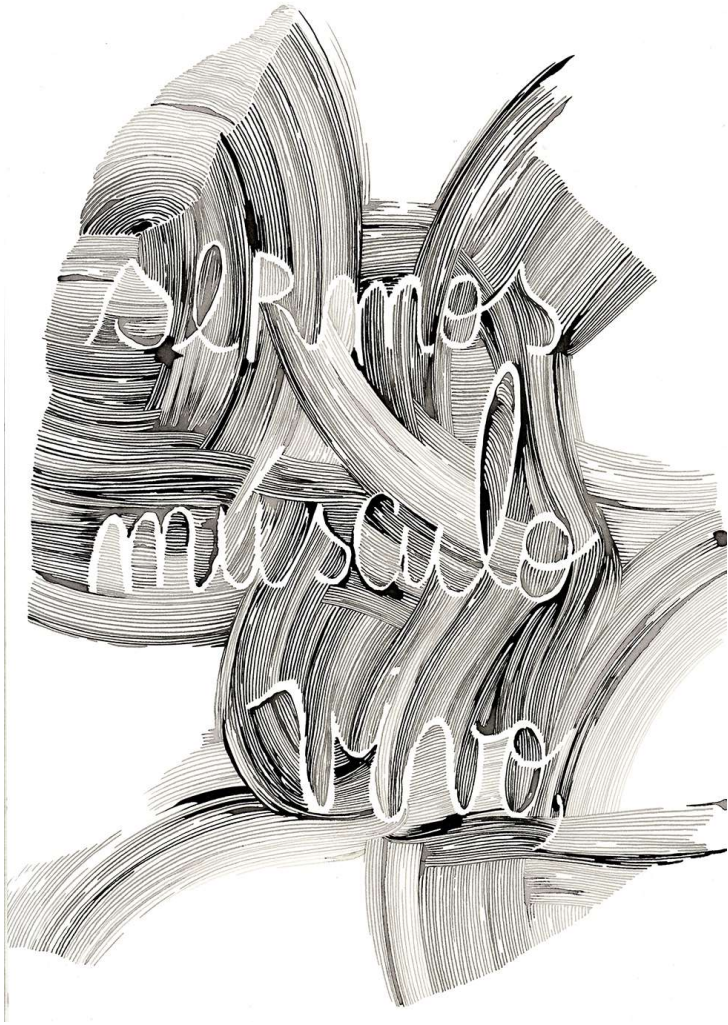
[4] Tinta-da-china, 30,5 cm x 45,5 cm (2019).

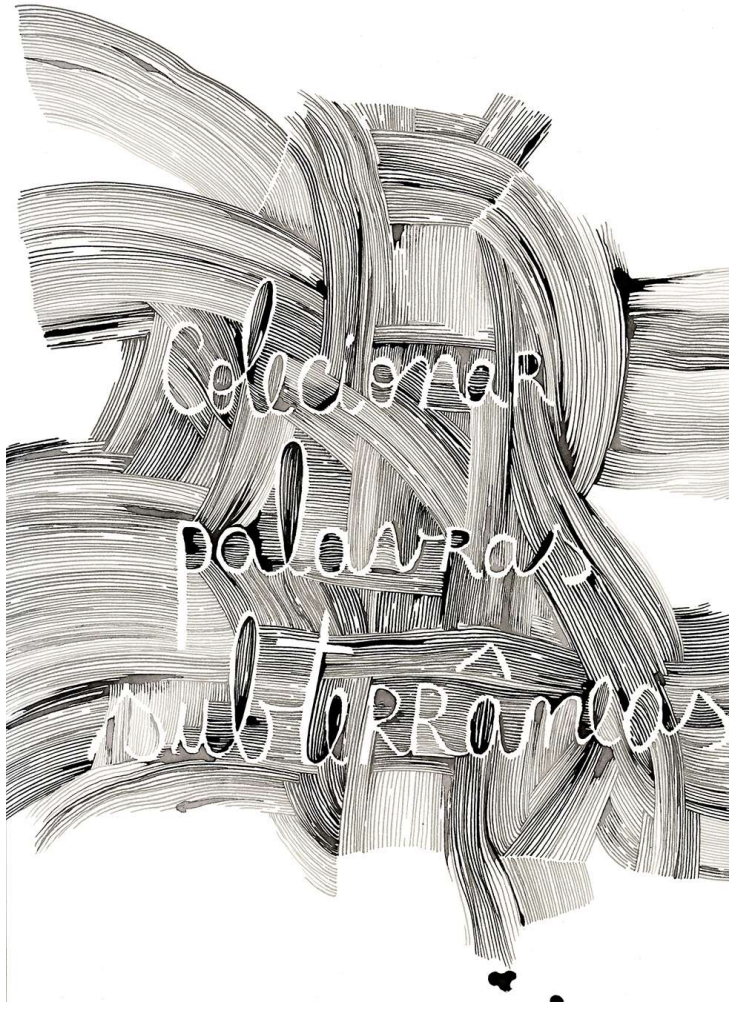
[5] Tinta-da-china, 30,5 cm x 45,5 cm (2019).

[6] *oração* (2020), Ed. Isabel Baraona, 50 exemplares.

[7] Tinta-da-china, 30,5 cm x 45,5 cm (2019).

[8] Tinta-da-china, 30,5 cm x 45,5 cm (2019).





Colocimar

palavras

subterrâneas





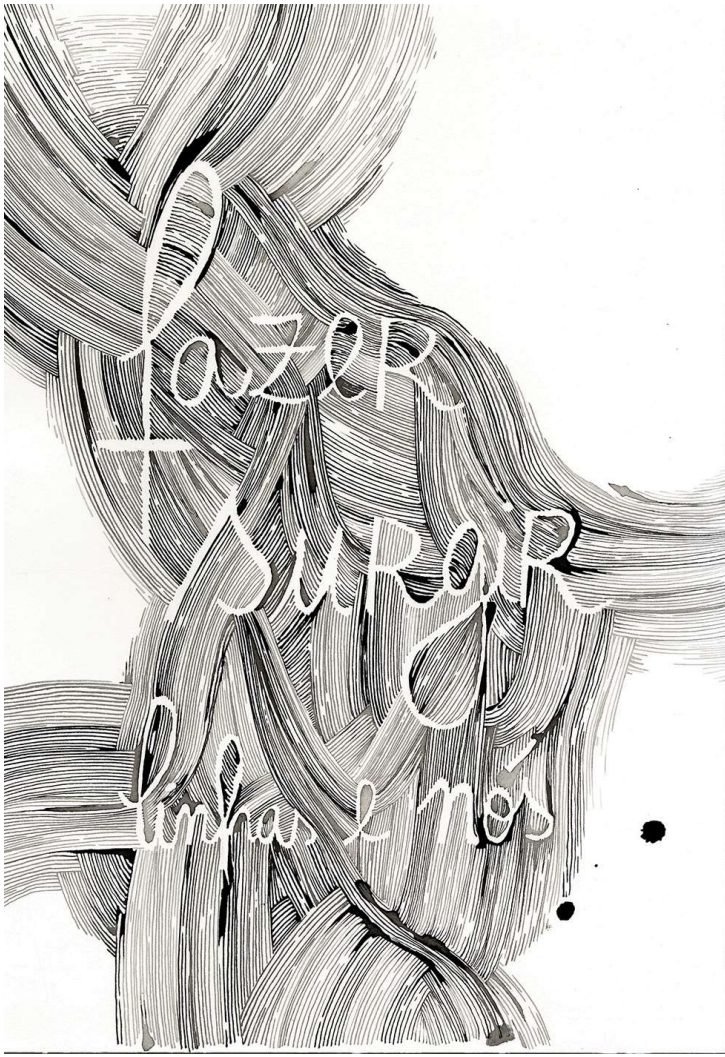
popular

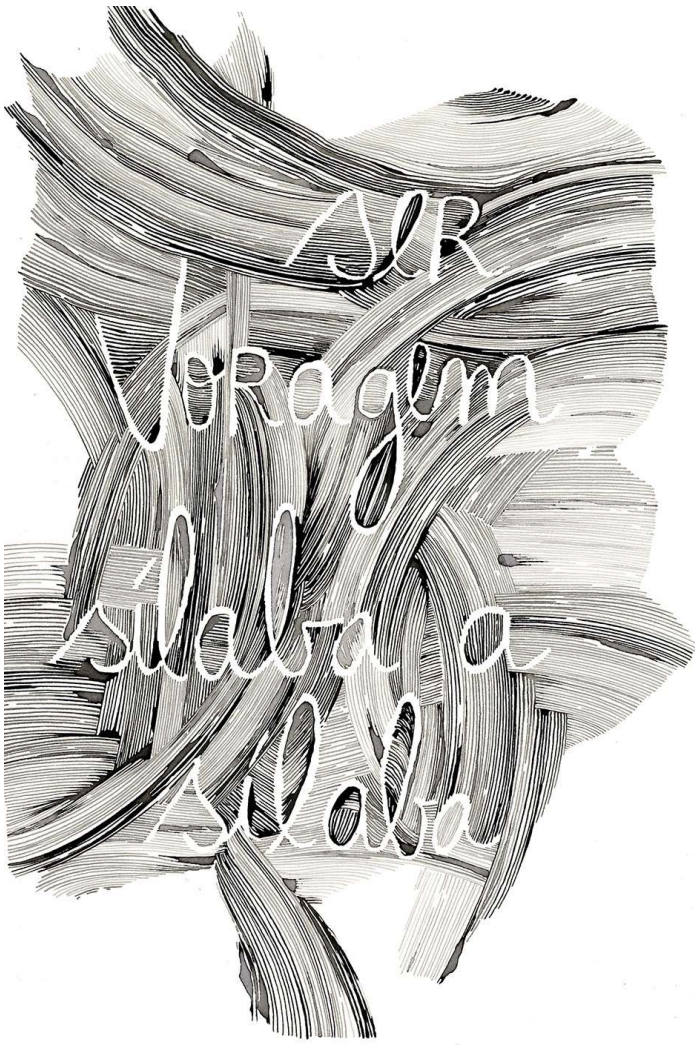
popular

popular

popular

popular



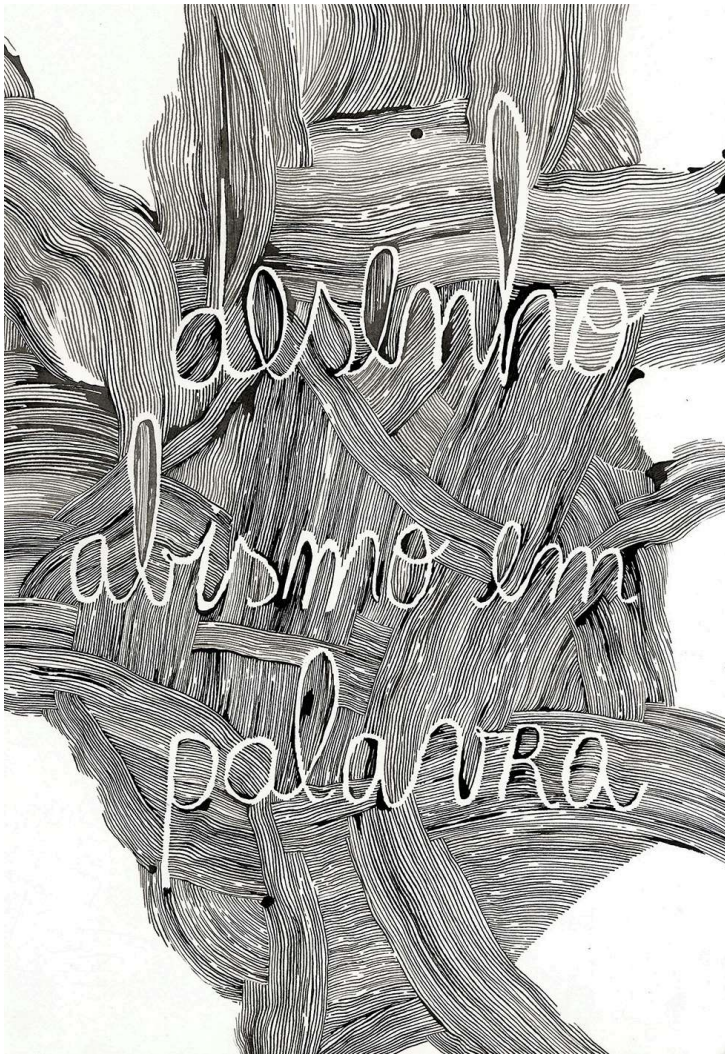


ASR

Keragaman

Sulawesi

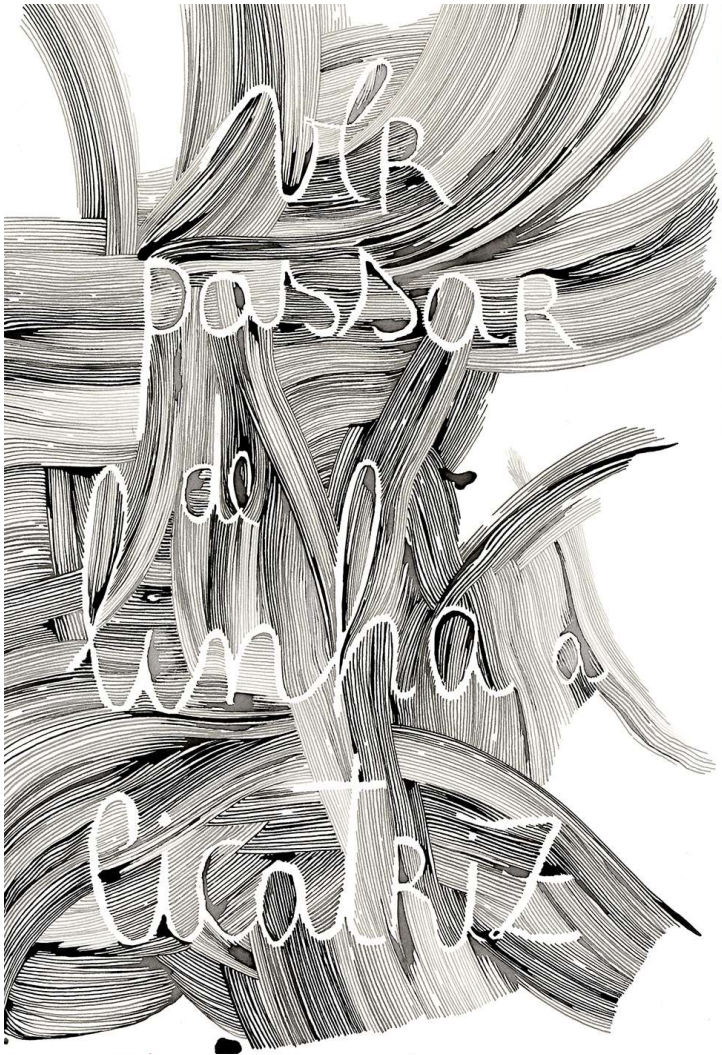
Sulawesi



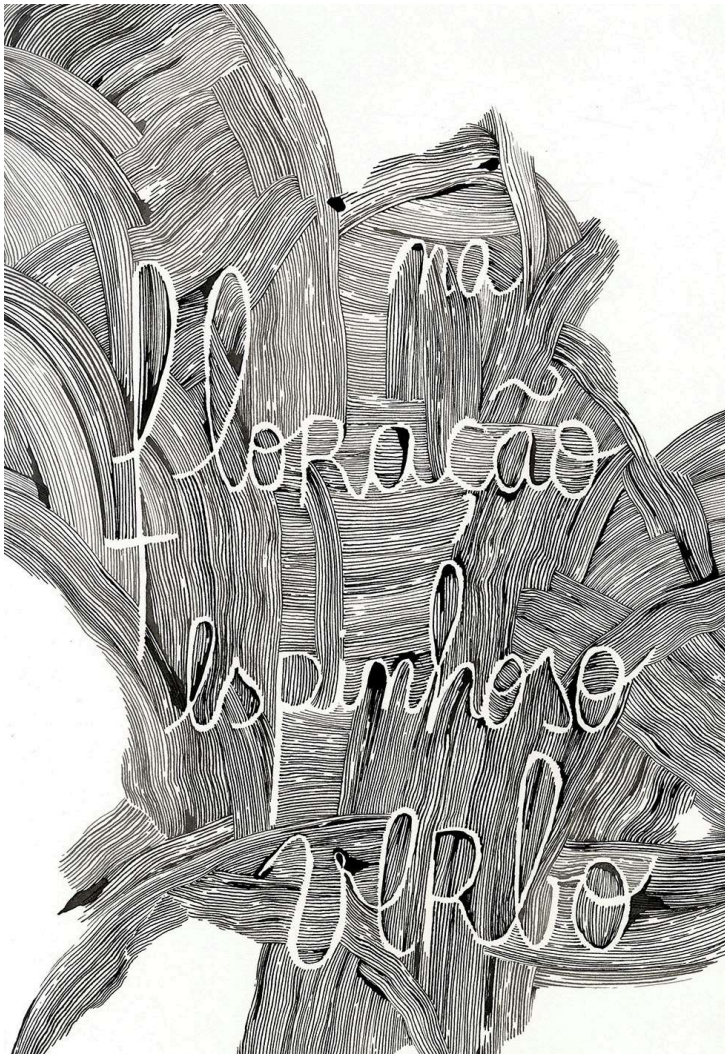
desenho

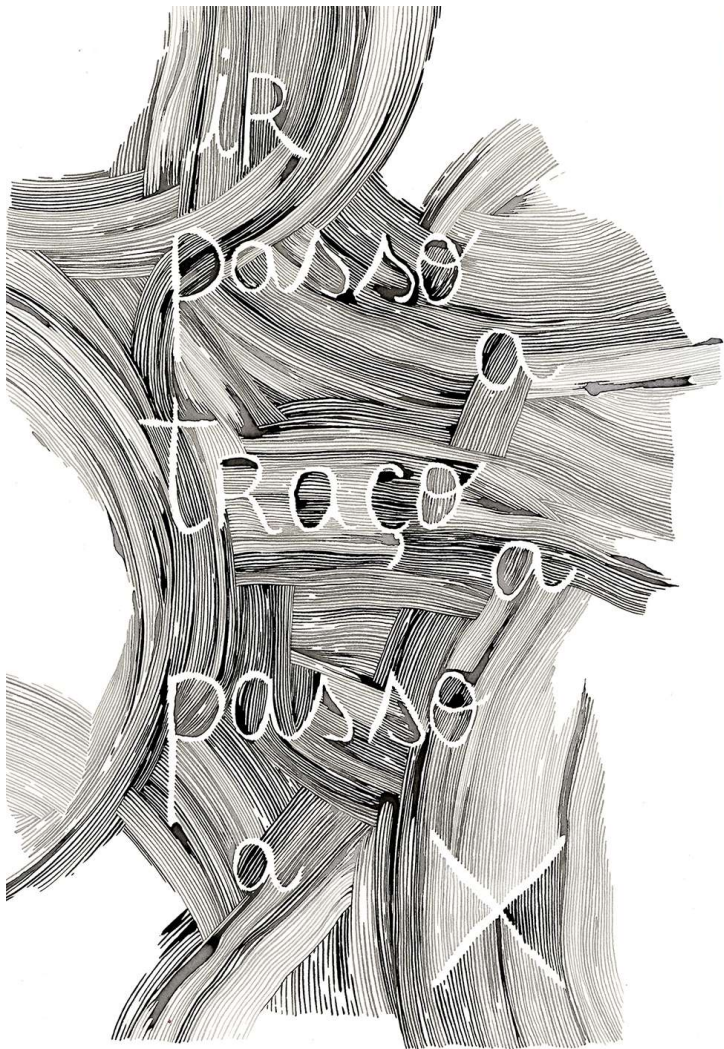
abstrato em

palavra



our
passion
is
to
bring
you
the
best
of
the
world
to
your
door





Isabel Baraona

tem participado em exposições individuais e colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Está representada em colecções nacionais como a Fundação EDP, Fundação D. Luís I, MGFR (Fernando Ribeiro), Safira e Luís Serpa, Centro Português de Serigrafia; e em colecções internacionais como Yolande De Bontridder, Galila Barzilai-Hollander, Jean-Marie Stroobants, entre outras. Lecciona na ESAD.CR desde 2003.

desejo

desenho

imagem-texto

Número #02

1. Nietzsche contra VAR ou a arte trágica de Maradona
2. caminhar desenhando o desejo, desenhar desejando o caminho, desejar o caminho desenhando-o,
3. Que raio de barco atravessa que raio de mar a caminho de que raio de porto? (II)

4. Ossos

5. . **do escuro** : *Madonna dei palafrenieri* .

6. Poema Sumário das Livrarias do Porto

7. O fim do *ars gratia artis*

8. La materia invisibile

9. Brilho

10. Era uma vez uma rosa negra